

## Os Intelectuais e as Instituições da Direita no Brasil: o Deboche e a Cultura do Lacre como parte da estratégia desses atores políticos<sup>1</sup>

Allan CANCIAN Marquez<sup>2</sup>

Ana Paula Miranda COSTA Bergami<sup>3</sup>

Fábio Luiz MALINI de Lima<sup>4</sup>

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES

### RESUMO

A popularização da direita é um fenômeno recente no Brasil, sendo um importante movimento em curso desde 2014, quando ocorreram as primeiras manifestações antipetistas no país. Essa guinada à direita foi possível, como veremos no decorrer deste artigo, graças a diversos fatores, incluindo uma oposição fortemente organizada com o intuito de acabar com o governo petista, utilizando de agendas como o ataque ao PT e a outros partidos e políticos de esquerda, além de promoverem atos favoráveis ao *impeachment* da então presidente, o que levou à queda de Dilma em agosto de 2016 – sua principal vitória. Sendo assim, o objetivo desta revisão é apresentar, conceituar e analisar este fenômeno, bem como apontar as estratégias narrativas utilizados pelos intelectuais e movimentos dessa ideologia para conquistarem fama na internet a partir do deboche e da “cultura do lacre”.

**PALAVRAS-CHAVE:** nova direita; internet; cultura do lacre; *impeachment*; comunicação.

### Introdução

O levante da direita é um fenômeno mundial, observado em grandes governos, conjunturas e grupos políticos atuais (SOLANO, 2018; DROLET, WILLIAMS, 2018; ROCHA, 2018; CARAPANÃ, 2018). Surgida tanto como resposta política à velha direita como resposta à ascensão da esquerda, os ajuntamentos pertencentes a essa “nova versão”

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XXIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de junho de 2019.

<sup>2</sup> Mestrando no programa de Comunicação e Territorialidades na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), Pesquisador do Labic (Laboratório de Estudos Sobre Imagem e Cibercultura) e Bolsista CAPES, E-mail: [allancancian@gmail.com](mailto:allancancian@gmail.com).

<sup>3</sup> Mestranda no programa de Comunicação e Territorialidades na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) e Pesquisadora do Labic (Laboratório de Estudos Sobre Imagem e Cibercultura), E-mail: [anapaulamirandacosta@hotmail.com](mailto:anapaulamirandacosta@hotmail.com).

<sup>4</sup> Prof. Dr. Fábio Malini, Professor Adjunto na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), onde também coordena o Labic, E-mail: [fabiomalini@gmail.com](mailto:fabiomalini@gmail.com).

da ideologia teriam como aspiração a intervenção limitada do Estado na economia, a garantia de igualdade de oportunidades a partir de programas sociais, além da defesa radical dos valores cristãos e da família tradicional – o que se convenhou chamar de “gente de bem”, também visualizado nas políticas da direita tradicional. (CODATO, BOLOGNESI, ROEDER, 2015). Segundo Sérgio Amadeu, esse pensamento repaginado “se articula com diversas lideranças religiosas quando se trata de temas, tais como orientação sexual, prática de gênero, educação, concepção de família, política criminal, controle da internet, entre outros debates que envolvem valores” (AMADEU, 2015, p. 228-229)

Para Cepêda (2018), nas últimas décadas houve uma proliferação de novos atores que engrossaram o tecido político e as lutas criadas por e para ele. O termo “nova” (de nova direita) exprime um novo cenário, com novos alvos e meios de atuação: se antes existiam os partidos, as eleições e os espaços estatais, hoje somam-se a eles as mobilizações de massa, a internet e suas mídias sociais, além dos mecanismos para fomento da guerra híbrida<sup>5</sup>. Luis Felipe Miguel (2018) também vai afirmar que o grande trabalho ideológico da direita nos últimos anos foi, em parte, fruto do desenvolvimento da rede mundial de computadores e dos espaços de discussão criados a partir dela, que possibilitou a essa direita reenquadrar o debate político em benefício próprio – o autor, porém, não descarta a relevância que os meios tradicionais de comunicação tiveram para dar audiência a estes grupos.

Essa nova direita, diferente tanto sob o perfil ideológico quanto organizativo, não é um fenômeno exclusivamente brasileiro. Essa nova vertente da direita clássica pode ser observada em diferentes partes do mundo, dos países mais desenvolvidos até os emergentes, apresentando como semelhanças ao caso brasileiro um fortalecimento a partir da crise do Estado de Bem-estar social enfrentada por governos esquerdistas, além de fatores macroeconômicos, como o fortalecimento da globalização neoliberal (CHALOUB, PERLATTO, 2015; SOLANO, 2018). Todavia, não podemos descartar o peso que as atribuições políticas e socioculturais intrínsecas a cada país teriam para alavancar o poder da direita em diferentes regiões, da mesma forma em que a motivação

---

<sup>5</sup> A guerra híbrida, no conceito adotado por Vera Alves Cêpeda (2018), está relacionada com as táticas usadas por grupos e partidos da nova direita para derrubarem partidos e governos da esquerda, utilizando da manipulação de notícias, manifestações, entre outras estratégias para provocarem uma forte polarização no país onde é deflagrada.

de grupos e agentes políticos dizem respeito apenas àquele país na qual fazem parte. (CARLOTTO, 2018; CÊPEDA, 2018). Dessa forma, este artigo não descarta a abrangência da nova direita e de suas características a nível mundial, porém se delimita a debruçar sua compreensão e análise “apenas” ao caso brasileiro.

Ao aproveitarem a reemergência desse pensamento, diversos intelectuais se posicionam como adeptos a este movimento ideológico, ganhando seguidores e levando novas pessoas a reproduzirem suas visões de mundo. Usando de explicações ora filosóficas e econômicas, ora munidas de deboche e humor ácido, esses atores e grupos de direita conquistam fama na internet com opiniões fortes e que vão de encontro com a escrita das redes sociais: simplificada, de rápido entendimento e viralização (conquistam grande engajamento rapidamente), munidas de imagens e vídeos meméticos que indicam um posicionamento claro e objetivo.

Quase sempre endereçados aos partidos, políticos e personalidades da esquerda brasileira, em especial os filiados ao Partido dos Trabalhadores (PT), narrativas desse tipo tinham o interesse de transformar a esquerda em piada a partir de publicações *lacradoras*, ou seja, com elementos textuais e/ou edições em vídeos que encerravam uma discussão polêmica com uma frase ou ação de efeito quase sempre humorada. É o contrário do debate, porque tenta promover o silenciamento do rival. Assim sendo, cabe a este trabalho apontar quem são os principais atores e movimentos responsáveis por reerguer esse pensamento em solo brasileiro.

### **Os pensadores e grupos percussores da nova direita no Brasil**

Chaloub e Perlatto (2015) são dois autores que lançarão olhares sobre os influenciadores dessa renovada visão ideológica baseada na díade liberalismo e conservadorismo. Segundo eles, diversos intelectuais autodenominados de direita começaram a aparecer na esfera pública brasileira, com discursos que pregavam a divisão entre esquerda e direita, além de mobilizarem as pessoas contra os partidos “comunistas”, colocando neles a culpa dos problemas enfrentados no Brasil. Para estes autores,

Os anos 2000 têm testemunhado a ascensão de outro tipo de ideário, relacionado a uma nova fração de intelectuais, portadores de certo tipo de ideário claramente de direita, que vem ganhando cada vez mais espaço na agenda pública do país, com forte presença na imprensa e no mercado editorial, associado a nomes como Olavo de Carvalho, Reinaldo Azevedo, Luiz Felipe Pondé, Rodrigo Constantino,

Guilherme Fiuza, Marco Antonio Villa, Denis Lerrer Rosenfield e Diogo Mainardi. Ainda que muitos deles já tivessem presença destacada na imprensa e nas redes sociais desde os anos 1990, a projeção deles na esfera pública nos últimos anos ganhou impulso e projeção, especialmente após o debate público em torno das cotas raciais nas universidades, da criação do Programa Bolsa-Família e, sobretudo, após as denúncias em torno do chamado escândalo do “Mensalão”, quando a presença dos mesmos na esfera pública recebeu maior destaque, permeada de duras críticas ao governo federal e ao Partido dos Trabalhadores (PT) (CHALOUB, PERLATTO, 2015, p. 6).

Ao acreditarem que estes atores surgem mais com um discurso de descontinuação da tradição nacional capitaneada pelos governos petistas do que por qualquer outro motivo, os pesquisadores irão assinalar que o pensamento conservador dessas personalidades acaba, em algum momento, por culpabilizar a esquerda pelos erros vividos no Brasil e no mundo durante as últimas décadas – Olavo de Carvalho, por exemplo, chegou até mesmo a dizer que o mundo está como está por conta da hegemonia esquerdista que o domina<sup>6</sup>. Críticos a esses intelectuais, os autores analisam que:

A nova direita retoma esse tema e, como já exposto, em outros casos, o abraça com grande radicalidade. É comum a quase todos os intelectuais do campo a ideia de que apenas um olhar distante dos esquerdismos pode perceber os reais traços do mundo. Pondé, por exemplo, afirma sem maiores mediações que a “esquerda é abstrata e mau-caráter porque nega a realidade histórica humana a fim de construir seu domínio no mundo”, enquanto que Olavo de Carvalho assevera que “só o ponto de vista conservador pode fornecer uma visão realista do processo histórico, já que se baseia na experiência do passado e não em conjeturações de futuro. Toda historiografia revolucionária é fraudulenta na base”. No mesmo tom, Reinaldo Azevedo, em artigo sintomaticamente intitulado “Ainda esquerda e direita”: “Esquerdismo é ideologia sim. No mais das vezes, aquilo a que se chama ‘direita’ é só bom senso aplicado”, argumenta explicitamente que muitas vezes se atribui ao “‘pensamento de direita’ ou ‘pensamento conservador’ o que é nada além de bom senso. Nesse sentido, ideologia, esta sim, é a engenharia social a que se dedicam as esquerdas, ao tentar impor um ponto de vista ancorado em convicções e crenças que insistem em desafiar a realidade”. Em fórmula lapidar, o colunista aproxima as ideias direitistas da mais clara evidência, ao mesmo tempo em que imputa à esquerda a tendência ao delírio (CHALOUB, PERLATTO, 2015, p. 21).

---

<sup>6</sup> “O projeto do governo mundial é originariamente comunista, e os grupos econômicos ocidentais que se deixaram seduzir pela ideia, esperando tirar proveito dela, sempre acabaram financiando movimentos comunistas ao mesmo tempo que expandiam globalmente seus próprios negócios. As fundações Ford e Rockefeller são os exemplos mais notórios. Nesses como em outros casos, a contradição entre o interesse econômico envolvido e as ambições políticas de longo prazo é origem de inumeráveis ambiguidades que desorientam o observador e, se ele é preguiçoso, o induzem a não pensar mais no assunto. Uma coisa é certa: nos anos setenta e oitenta, a globalização parecia favorecer os EUA, mas, na década seguinte, ela tomou o rumo bem claro de uma articulação mundial antiamericana e, por tabela, anti-israelense. A eleição de George W. Bush e a política de afirmação nacional que tem seguido são as respostas lógicas a essa nova situação.” (CARVALHO, 2013, p. 154 apud CHALOUB, PERLATTO, 2015, p. 19)

O protagonismo adquirido por essas vozes na esfera pública veio basicamente de duas fontes: a partir dos meios tradicionais de comunicação (O Globo, Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo, Veja, Isto É, etc), onde seus textos e entrevistas circulam nos *players* de maior audiência do país; e na internet, onde esses intelectuais podem publicar diariamente em blogs e redes sociais sobre seus pontos de vistas relacionados à política e a acontecimentos que ganham destaque na imprensa nacional (CHALOUB, PERLATTO, 2015). Posterior a isso, podemos inserir um terceiro ponto onde os intelectuais da nova direita se firmaram em audiência: no mercado editorial, “mercado pelo crescimento significativo, ao longo dos últimos anos, de publicações direcionadas para um público, cada vez maior, interessado por uma literatura de obras políticas com perfil de ‘direita’ ou conservador” (CHALOUB, PERLATTO, 2015, p. 10).

Quanto aos movimentos sociais liberais, os primeiros começaram a ser percebidos a partir de 2006, ano em que nasceu o Movimento Endireita Brasil (MEB), fundado por Ricardo Salles e ligado ao *think tank* Instituto Millenium. O MEB se posiciona como uma organização privada sem fins lucrativos ou alianças com partidos, comprometida com o fomento de pautas conservadoras e de direita no país (Movimento Endireita Brasil, 2012). De acordo com seu estatuto<sup>7</sup>, o grupo tem como objetivo a difusão da educação política conservadora, a orientação da cidadania, os direitos humanos, o desenvolvimento econômico sustentável e social baseado na iniciativa privada, a manutenção da família heteronormativa e da moralidade, bem como a luta contra a corrupção. Atuando bem próximo ao liberalismo, o movimento reivindica o Estado mínimo, a redução dos impostos sobre a população e sobre as empresas, assim como o aumento das liberdades individuais típicas de partidos da extrema-direita, como o porte de armas de fogo (LIMA, AGOSTINE E VIRI, 2015). Segundo Camila Rocha (2018), o agrupamento formado por jovens advogados de direita que atuavam na defesa de agentes ligados ao agronegócio, não obteve sucesso em realizar manifestações nas ruas do país contra o escândalo do Mensalão, graças a alta popularidade que o Lula tinha naquela época.

Já em 2017, coletivos anti-governistas saíram às ruas para protestar favoráveis ao fim da corrupção e a retirada do então presidente Lula do poder. Essa primeira

---

<sup>7</sup> Disponível em: <<http://www.rmwsis.com.br/endireita/modelo/estatuto.htm>>. Acesso em: 30 de novembro de 2018.

manifestação corroborou para a fundação do coletivo CANSEI (Movimento Cívico pelo Direito dos Brasileiros), movimento criado por setores da elite brasileira (como João Dória Jr e alas da OAB) e que tentou organizar outros protestos naquele mesmo ano, mas acabou perdendo força ao longo das semanas seguintes à primeira manifestação, deixando de existir (TATAGIBA, TRINDADE, TEIXEIRA, 2015; ROCHA, 2018).

Posterior ao CANSEI, em 1 de agosto de 2010 foi criado o Revoltados Online<sup>8</sup> (ROL), movimento autodenominado antipetista e que usava das redes sociais e sites como o YouTube para organização e compartilhamento de suas pautas contrárias ao governo e a corrupção. Coordenado por Rodrigo Brasil, Marcello Reis, Beatriz Kicis, Patrícia Mello e Valéria Andrade (ABRANTES, 2015; POLETTI, 2016), o movimento, que se dizia como sendo a primeira organização online de combate aos corruptos no Brasil, teve grande destaque nas manifestações de 2015 e 2016 junto com outros grupos, mas acabou perdendo força ainda em 2016.

Dois anos depois, em 2014, surgem mais outros significativos grupos de direita, nascidos como consequência da reeleição de Dilma Rousseff à presidência do Brasil e responsáveis por encabeçarem gigantescos protestos *pró-impeachment* em todo o país. Como afirma Rocha, “quando ocorreram as manifestações de junho de 2013 e a popularidade de Dilma Rousseff despencou, as direitas começaram a conquistar mais adeptos e simpatizantes” (ROCHA, 2018, s/p). O primeiro desses agrupamentos é o Movimento Brasil Livre (MBL), criado por iniciativa de Fábio Ostemann, Juliano Torres, Felipe França e Renan Santos (GOBBI, 2016) e que se caracteriza pelo forte discurso contra a corrupção, contra as políticas sociais e o governo petista. Outro importante grupo foi o Movimento Vem Pra Rua, que também tinha a luta contra a corrupção como principal posicionamento, além da busca por uma política mais responsável e transparente e por um Estado mais enxuto, não interventor e sem altos impostos (BUTTERFIELD, CHEQUER, 2016). Na definição de seu próprio site, o grupo se define como “um movimento suprapartidário, democrático e plural que surgiu da organização espontânea da sociedade civil para lutar por um Brasil melhor<sup>9</sup>”.

Os grupos pertencentes a essa nova direita, ao passo que avançavam em repercussão e no número de pessoas que os seguiam, foram essenciais para inflar um

---

<sup>8</sup> Maiores informações disponíveis em <<https://revoltadosonline.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 30 de novembro de 2018.

<sup>9</sup> Disponível em: <<http://www.vemprarua.net/sobre-nos/>>. Acesso em: 29 de novembro de 2018.

sentimento de ódio contra o governo de Dilma Rousseff e seu partido. Seus efetivos ataques a estes personagens foram gradativamente causando impacto na agenda e no pensamento político do brasileiro, o que acarretou em um aumento da participação popular nesses grupos e, conseqüentemente, a uma ampliação do descontentamento com a política nacional, estimulando tais ajuntamentos a promoverem mais ações coletivas contrárias ao governo do PT (MACHADO, 2017).

Todos esses movimentos da década de 2010 se aproveitaram da forte polarização ideológica cada vez mais nítida para se promoverem e conquistarem novos seguidores e disseminadores de suas visões de mundo, culminando assim em protestos estrondosos por todo o Brasil que pediam não só as pautas já citadas no texto, como também a continuação da Operação Lava Jato e do retorno do crescimento econômico (ROCHA, 2018; MACHADO, 2017; GOHN, 2015). Usando das redes sociais como forma de organização, esses movimentos saíram juntos às ruas ainda em 2014 – logo após a reeleição de Dilma –, porém seus protestos<sup>10</sup> que mais ganharam adesão da população foram os de 15 de março, 12 de abril, 16 de agosto de 2015, 13 de março e 17 de abril de 2016. Sobre tais experiências direitistas nas ruas de todo o país, Gohn (2016) vai apontar uma divisão entre dois tipos de correntes proeminentes a partir de março de 2015:

Esta divisão se refletira nas manifestações de março de 2015, gerando duas correntes de protestos. Uma enfatiza o protesto contra a corrupção, especialmente em empresas públicas, como a Petrobrás, investigada pelo Ministério Público Federal via operações específicas, a exemplo da “Lava Jato”, questiona os políticos, pede impeachment da presidente Dilma Rousseff e é contra o Partido dos Trabalhadores. A outra questiona novas políticas públicas do novo governo da presidente Dilma Rousseff, especialmente a do ajuste fiscal econômico, mas não é contra o governo como um todo. É preciso registrar também que, em 2015, aliada à crise política gerada pelas denúncias de corrupção, o cenário econômico do país se altera com o retorno da inflação e do desemprego, paralização de obras públicas etc. (GOHN, 2016, p. 139).

Segundo Machado (2017), os movimentos de direita nascidos a partir de 2014 e 2015 representam uma ligação bem próxima entre a política de base e a política partidária, estando intimamente ligados com o processo político institucional e influenciando

---

<sup>10</sup> A cronologia completa dos protestos ocorridos entre 2015 e 2016, bem como os fatos históricos que motivaram cada um deles e a quantidade estimada de pessoas que foram às ruas, está disponível em <<http://m.acervo.estadao.com.br/noticias/acervo.cronologia-protestos-2015-a-2016,12157,0.htm>>. Acesso em: 30 de novembro de 2018.

diretamente a forma com que estes últimos exerceram suas tomadas de decisões, como por exemplo a pressão que políticos e partidos sofreram<sup>11</sup> por tais grupos e pela população que os seguiam para votarem favoráveis ao impedimento de Dilma Rousseff em 2016. Apontando o Movimento Brasil Livre (MBL) como principal grupo de direita atuante deste processo, a autora vai alegar que,

Pouco se pôde observar as ligações externas dos líderes do MBL com atores institucionais, contudo, em alguns eventos mobilizados por este ator coletivo houveram declarações públicas realizadas por políticos ligados ao sistema partidário, como o caso de Deputados Federais ligados ao Partido da social Democracia Brasileira (PSDB), Democratas (DEM), Partido Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) e Partido Popular Socialista (PPS). As declarações públicas realizadas no protesto do dia 13 de março de 2016 denotam o possível avanço e ligação que o MBL possui entre as elites políticas, bem como o seu afeto institucional vinculado a partidos políticos com orientação centro-direita, ou, neste contexto em específico, contra governo (MACHADO, 2017, p. 41).

Grupos como o MBL, Revoltados Online e Vem Pra Rua se mostraram altamente assertivos em suas táticas, que uniu a força da internet com o poder da presença nas ruas dos grandes centros urbanos, articulando suas pautas e reunindo diferentes pessoas em prol de uma mesma luta. Após a queda de Dilma, em 31 de agosto de 2016, esses grupos voltaram a ficar situados apenas em suas páginas virtuais do Facebook, mas continuaram a publicar seus pontos de vista e a influenciar seus seguidores contra o PT, seus políticos e a esquerda de uma forma geral (DIAS, 2017). Para Esther Solano (2017), é a partir da substituição da petista pelo seu vice Michel Temer (MDB), que se percebe a real intenção desses movimentos da nova direita. Mesmo Temer estando envolvido em escândalos de corrupção, tais agrupamentos não saíram às ruas para protestarem e não estimularam seus seguidores a se posicionarem contra eles. “Suponha-se que a corrupção era o lema principal da luta deles. Depois de obtido o *impeachment* de Dilma Rousseff, viu-se que não era” (SOLANO, 2017, s/p). Na perspectiva da autora, isso se deve graças ao governo do emedebista ser voltado para políticas neoliberais e de Estado mínimo, agendas altamente defendidas por esses atores.

---

<sup>11</sup> Disponível em: <[https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/03/160319\\_chequer\\_protestos\\_ab](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/03/160319_chequer_protestos_ab)>. Acesso em: 30 de novembro de 2018.



### **As táticas da nova direita por trás do seu discurso *lacrador***

Apontados os agrupamentos sociais de direita, cabe a nós agora destacar as principais estratégias adotadas por eles para alterarem completamente o cenário político nacional ao seu favor. De início, vale ressaltar que esses novos grupos se aproveitam das ferramentas disponíveis na internet para se firmarem, utilizando-se de sites e redes sociais – principalmente o Facebook – para compartilharem seus conteúdos, fomentar a opinião de seus seguidores e repercutir suas apreciações liberais e conservadoras (GENTILE, 2018; CÊPEDA, 2018; TATAGIBA, TRINDADE, TEIXEIRA, 2015). Para Delcourt, “esta direita que mobiliza na rua e multiplica os atos públicos é formata de uma multiplicidade de organizações e grupúsculos mais ou menos ligados entre si formando rede” (DEL COURT, 2016, p. 127).

Seguindo o mesmo preceito, Almeida (2017) apresenta esses grupos como sendo altamente estratégicos ao utilizarem das redes para gerar seus movimentos. Segundo ele, esse novo pensamento foi “um divisor de águas na forma de se fazer política e que abriu espaço para o protagonismo de jovens e de novos grupos” (ALMEIDA, 2017, s/p). Jovens estes que usavam de uma linguagem de fácil entendimento para comunicarem com a maior quantidade de gente possível. Com uma narrativa que promovia o deboche para ridicularizar a esquerda e o PT, seus principais atores conquistaram grandes índices de popularidade e engajamento com piadas “lacradoras” e que tiravam sarro de qualquer personalidade que discordassem deles e de seus apoiadores.

O deboche, portanto, servia de tática da *lacrção*, atraindo públicos antipetistas e antiesquerdistas, mas sobretudo fazendo um julgamento político que sempre passava pela via do humor, uma das matrizes culturais que mais facilmente permite o entendimento de mensagens políticas no Brasil, ao mesmo tempo que servia como conteúdo que buscavam dar um ponto final vitorioso a uma discussão online, o que, na gíria de redes sociais, denomina-se de *lacrção*.

Além dessa tática discursiva, os representantes da nova direita brasileira propõem como uma de suas estratégias principais a disseminação de informações que endossam a ideia de que existe em curso no país uma guerra cultural. Para Finguerut e Souza (2018), isso é amarrado à negação de fontes de informação que divirjam das ideias propagadas por estas lideranças, sempre apontando a existência de um inimigo (como exemplo mais atual, a existência de uma esquerda que quer instaurar no país um comunismo semelhante

ao de Cuba e Venezuela) que trucidaria as características essenciais para levar o país ao sucesso.

Ao abordar esse mesmo ponto, Carapanã (2018) fixa que como a narrativa da tirania do comunismo estava ultrapassada desde o fim da Guerra Fria, era necessário criar um novo “vilão” para relacionar grupos, partidos e governos de esquerda com os famigerados soviéticos. Como indica o pesquisador, a estratégia se mostrou extremamente assertiva e a direita conseguiu vilanizar políticas em prol dos direitos das mulheres, dos homossexuais, das minorias étnicas e das soluções que envolviam os imigrantes e refugiados, sempre relacionando-as com uma “conspiração comunista” para acabar com o capitalismo e tudo o que a sociedade havia construído até então.

Segundo ele, tudo isso não passou de uma estratégia eleitoral. Os novos grupos situados à direita no espectro político-ideológico precisavam corroer a cultura existente e instaurar um medo crônico na população para conquistar eleitores para as próximas eleições. Usando como justificativa o preceito de que a esquerda (capitaneada pelo PT) tinha como intenção instaurar um “marxismo cultural” capaz de acabar com os valores culturais tradicionais – família, educação, moralidade, essa nova direita conseguiu moldar uma parte considerável da sociedade a seu bel-prazer, o que a fez conquistar pleitos tanto no Brasil quanto em diversas partes do mundo. “A ideia de um ‘marxismo cultural’ criava um adversário comunista praticamente onipresente: na educação pública, na mídia, nos ativistas dos direitos civis, na indústria do entretenimento etc.” (CARAPANÃ, 2018, s/p).

### **Considerações finais:**

Como observamos acima e no decorrer deste artigo, essa nova direita conseguiu se articular em torno de uma identidade antipetista, anticorrupção e anticomunismo, que relacionava o partido de esquerda com todos os grandes casos de corrupção contemporâneos, o que a fez obter muitos seguidores em suas mídias sociais ao criarem um ar novelístico de “mocinhos contra vilões”. Assim, ergueram uma narrativa baseada na produção e compartilhamento de conteúdo contrário ao Partido dos Trabalhadores, associando investigações de corrupção, como a Lava Jato, ao governo do PT. Com isso, direcionavam os protestos para pressionar a sociedade em favor do *impeachment* de Dilma Rousseff e a prisão do ex-presidente Lula (TELLES, 2015).

Com uma visão semelhante, Teles (2018) acrescenta que a direita usou da criação de subjetividades binárias e antagônicas para produzir um inimigo a ser destruído antes que ele destruísse tudo o que foi conquistado até então. Dessa forma, as minorias resistentes são tratadas como “indesejáveis, perigosas e perniciosas ao corpo social”, legitimando um discurso de ódio contra negros, pobres, mulheres ou qualquer grupo que interfira na “harmonia” do Estado. Segundo o autor,

Cria-se, de um lado, o “cidadão de bem”, trabalhador (ou proprietário) e ordeiro e, de outro, o vagabundo, vândalo, drogado, arruaceiro, o indivíduo fora das bordas que delimitam o possível autorizado pela ordem. Por meio da combinação do medo com a percepção de uma força acima das leis, legitima-se a violência. A norma se impõe pela força (e apoia-se nas leis) e sua lógica é a da produção do anormal, do patológico, em relação ao qual ela deve agir com rigor para curá-lo, eliminá-lo ou, ao menos, anulá-lo (TELES, 2018, posição 1099).

As considerações trabalhadas pelos autores acima citados corroboram com a análise produzida por Vera Alves Cêpeda (2018) a partir do trabalho de Albert O. Hirschman intitulado “*A retórica da intransigência: perversidade, futilidade, ameaça*” (publicado em 1991), que utiliza como ideia central a re-ação (isto é, a recusa) que o campo conservador trabalha perante as atividades e avanços da esquerda. Cêpeda aponta que a maior contribuição de Hirschman neste trabalho foi detectar as estratégias retóricas postas em prática pelo campo conservador, que seriam a perversidade, a futilidade e a ameaça. Segundo este autor, como interpreta Cêpeda, a tese da perversidade refere-se à negligência das mudanças propostas pelas políticas públicas (como o projeto desenvolvimentista, no caso brasileiro), responsáveis pela produção de efeitos indesejáveis (ou seja, perversos) e que levaria à anulação das proposições originais de uma estratégia política específica. A tese da futilidade, de acordo com Hirschman, é a que prega a ineficácia de uma política adotada ser ineficiente, incapaz de produzir os efeitos desejados para uma mudança social realmente assertiva. Já a terceira tese, a da ameaça, diz respeito à produção do pensamento de que uma política adotada acabe por levar a perda de algum ganho já existente, produzindo assim uma espécie de medo no Estado.

Somadas, essas teses produzem um discurso que banaliza, aponta a impotência e o ridículo de políticas públicas com algum significativo grau de orientação para mudança de condições sociais e alteração dos níveis de desigualdade. Não apenas as deslegitimam, apelando para uma argumentação de caráter racional de causa e efeito, como, no

---

limite, assinalam o possível caráter disruptivo de seus resultados - a ameaça de perdas reais (CÊPEDA, 2018, p. 48-49).

Ao voltar os olhos sobre a última década em que vive o Brasil, a autora afirma que as três retóricas hirschmanianas foram amplamente utilizadas pela nova direita, como fomentadoras do clima político que se vivenciou nestes últimos anos. Esta direita utiliza-se da guerra híbrida – a luta ideológica fora de uma argumentação racional coerente – para elevar seus discursos, com o uso de falsas histórias ou notícias distorcidas (CÊPEDA, 2018). Assim, associam temas, eventos e ideias de formas perversas sem que tenham necessariamente ocorrido (como o fenômeno das *fake news*).

O advento da guerra híbrida como estratégia política soma um novo caminho às retóricas de Hirschman (que não são abandonadas, ao invés disso, incorporada neste novo sistema apoiado especialmente nas *fake news*) e robustecem tanto o papel das ideologias e de seus porta-vozes: intelectuais, ideólogos militantes, formadores de opinião; quanto suas arenas (imprensa, mídias sociais e mundo acadêmico) (CÊPEDA, 2018, p. 49).

Sobre o papel político dessa estratégia, Finguerut e Souza (2018) ainda acrescentam que

Diante de uma aparente multidão que a internet cria, seja em redes sociais, fóruns de debate, seja simplesmente em blogs e comentários deixados em sites, cria-se a sensação de reação ou de um grande movimento político em torno de ideias não consensuais. São teorias conspiratórias, notícias falsas ou movimentos minoritários que aproveitam do não-lugar, sem certo ou errado, com pessoas sem contato com o mundo real, para recrutar e manipular através de um discurso de ódio e com figuras muitas vezes apresentadas como líderes ou posturas autoritárias (FINGUERUT, SOUZA, 2018, p. 242).

Por fim, a respeito do financiamento dos atores da direita contemporânea, embora tenha quem acredite que a posse de grandes recursos financeiros pela direita também ajude a explicar seu êxito em articular grupos e manifestações contra o PT em diferentes partes do Brasil, Camila Rocha (2018) vai apontar que isso não explica o fenômeno da nova direita e de seus atores em sua totalidade. Na perspectiva da autora, outros fatores podem ajudar a explicar tal feito, como a formação de fortes identidades coletivas a partir das emoções surgidas por interações e conflitos entre grupos políticos, alterações na percepção sobre o cenário político que criaram oportunidades para que grupos

denominados de direita pudessem prosperar em suas reivindicações, bem como a facilidade de disseminar conteúdo a partir das mídias sociais.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. E. **As bases e o “habitat” da nova direita**. Rede Brasil Atual, 2017. Disponível em: <<https://www.redebrasilatual.com.br/revistas/128/as-bases-e-o-habitat-da-nova-direita>>. Acesso em: 10 de dezembro de 2018.

ALMEIDA, S. L. Neoconservadorismo e liberalismo. In Solano, E. (org.). **O Ódio como Política. A reinvenção da direita no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018. E-Book. ISBN 978-85-7559-655-5. Disponível em: <<https://www.boitempoeditorial.com.br>> Acesso em: 5 de dezembro de 2018.

ALONSO, A. A política das ruas. Protestos em São Paulo de Dilma a Temer. **Novos Estudos CEBRAP**, n. especial, junho de 2017.

AMADEU, S. Direita nas redes sociais online. In S. Velasco; A. Kaysel; G. Codas (orgs). **Direita, Volver! O retorno da direita e o ciclo político brasileiro**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, pp.213-230, 2015.

ARRETCHE, M.; ARAÚJO, V. O Brasil tornou-se mais conservador? Apoio à redistribuição e à taxação no Brasil. **Novos Estudos CEBRAP**, v.97, p. 15-22, 2017.

AVRITZER, L. **Os Impasses da Democracia no Brasil**. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v. 1, 153p. 2016.

BERLANZA, L. **Guia bibliográfico da nova direita: 39 livros para compreender o fenômeno brasileiro**. São Paulo: Resistência Cultural, 2017.

BOBBIO, N. **Direita e Esquerda. Razões e significados de uma distinção política**. São Paulo: Editora UNESP, 1995.

CASARA, R. Precisamos falar da “direita jurídica”. In Solano, E. (org.). **O Ódio como Política. A reinvenção da direita no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018. E-Book. ISBN 978-85-7559-655-5. Disponível em: <<https://www.boitempoeditorial.com.br>> Acesso em: 5 de dezembro de 2018.

CASIMIRO, F. H. C. As classes dominantes e a nova direita no Brasil contemporâneo. In Solano, E. (org.). **O Ódio como Política. A reinvenção da direita no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018. E-Book. ISBN 978-85-7559-655-5. Disponível em: <<https://www.boitempoeditorial.com.br>> Acesso em: 5 de dezembro de 2018.

CÊPEDA, V. A. A Nova Direita no Brasil: contexto e matrizes conceituais. In **Mediações**. Londrina, v. 23 n. 2, p. 75-122, mai./ago. 2018.

CHALOUB, J.; PERLATTO, F. Intelectuais da “nova direita” brasileira: ideias, retórica e prática política. In **39º Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS)**. Caxambu: Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, 2015.

CHAUÍ, M. S. **As manifestações de junho de 2013 na cidade de São Paulo**. 2013. Disponível em: <<http://www.teoriaedebate.org.br/materias/nacional/manifestacoes-de-junho-de-2013-na-cidade-de-sao-paulo?page=full>>. Acesso em: 30 de setembro de 2017.

CODATO, A.; BOLOGNESI, B.; ROEDER, K. M. A nova direita brasileira: uma análise da dinâmica partidária e eleitoral do campo conservador. In S. Velasco; A. Kaysel; G. Cudas (orgs). **Direita, Volver! O retorno da direita e o ciclo político brasileiro**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, pp. 115-143, 2015.

COMPARATO, B. K. Eleições e Representação Política: Uma direita radical no Brasil? **In IX Encontro da ABCP**. Brasília: Universidade Federal de São Paulo – Unifesp, 2014

DELCOURT, L. Um TeaParty tropical: a ascensão de uma “nova direita” no Brasil. In **Lutas Sociais**. São Paulo: PUCSP, 20(36). pp. 126-139, 2016.

DIAS, T. **É uma batalha de narrativas: os enquadramentos da ação coletiva em torno do impeachment de Dilma Rousseff no Facebook**. Dissertação apresentada à Universidade Nacional de Brasília para a obtenção do grau de Mestre. Brasília, 2017.

FERREIRA, O. D. S. Do apreço liberal pela contenção do soberano ao caos prisional: reações de atores coletivos da direita liberal perante eventos no sistema carcerário de janeiro de 2017. **Revista Leviathan** N. 13, pp.57-90, 2016.

FINGUERUT, A.; SOUZA, M. A. D. Que direita é esta? As Referências a Trump na Nova Direita Brasileira Pós-Michel Temer. **Revista TOMO**, São Cristóvão, Sergipe, Brasil, n. 33, pp. 229-270, jul./dez. 2018.

GENTILE, F. A direita brasileira em perspectiva histórica. **PLURAL, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP**, São Paulo, v.25.1, p.92-110, 2018.

GOBBI, D. **Identidade em ambiente virtual: uma análise da Rede Estudantes Pela Liberdade**. Dissertação apresentada à Universidade de Brasília para a obtenção do grau de Mestre. Brasília, 2016.

GOHN, M. G. A sociedade brasileira em movimento: vozes das ruas e seus ecos políticos e sociais. **Caderno CRH**, v. 27, n. 71, p. 431-441, 2014.

MACHADO, L. B. **Nacionalismo, não-violência e os novos atores engajados na política contenciosa brasileira: o caso do Movimento Brasil Livre (MBL)**. Dissertação apresentada à PUCRS para a obtenção do grau de Mestre. Porto Alegre, 2017.

MANNHEIM, K. **Ideologia e Utopia**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

MIGUEL, L. F. A reemergência da direita. In Solano, E. (org.). **O Ódio como Política. A reinvenção da direita no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018. E-Book. ISBN 978-85-7559-655-5. Disponível em: <<https://www.boitempoeditorial.com.br>> Acesso em: 5 de dezembro de 2018.

MORAES, R. C. A organização das células neoconservadoras de agitprop: o fator da subjetividade da contrarrevolução. In S. Velasco; A. Kaysel; G. Cudas (orgs). **Direita, Volver! O retorno da direita e o ciclo político brasileiro**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, pp. 231-248, 2015.

PENTEADO, C. L. C.; LERNER, C. A direita na rede: mobilização online no impeachment de Dilma Rousseff. **Em Debate**. Belo Horizonte, v.10, n.1, p.12-24, abril 2018.

POLETTI, L. **Ministro da Educação recebe Alexandre Frota e grupo pró-impeachment**. Congresso em foco, 2017. Disponível em: <<http://congressoemfoco.uol.com.br/noticias/ministro-da-educacao-recebe-alexandre-frota-e-grupo-pro-impeachment/>>. Acesso em: 30 de setembro de 2018.

PONDÉ, L. F. **Liberal e conservador para além do senso comum | Luiz Felipe Pondé**. Programa Café Filosófico CPFL (TV Cultura), 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6gZWqgTqfZk>> Acesso em: 7 de dezembro de 2018.

ROCHA, C. O boom das novas direitas brasileiras. In Solano, E. (org.). **O Ódio como Política. A reinvenção da direita no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018. E-Book. ISBN 978-85-7559-655-5. Disponível em: <<https://www.boitempoeditorial.com.br>> Acesso em: 5 de dezembro de 2018.

SAAD-FILHO, A.; BOIOTO, A. Brazil: the failure of the pt and the rise of the ‘new right’. **Socialist Register 2016: The Politics of the Right**. London: Merlin Press, v. 52, 2016.

SILVA, G. J. Conceituações teóricas: esquerda e direita. In **Revista Humanidades em Diálogo**, São Paulo: Universidade de São Paulo – USP, v. 6(05), pp. 149-162, 2014.

SINGER, A. Brasil, junho de 2013, classes e ideologias cruzadas. **Novos Estudos CEBRAP**, v.97, p. 23-40, 2013.

SOLANO, E. **Discurso de ódio – Esther Solano no Voz Ativa**. Programa Voz Ativa (TV Rede Minas), 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fQJdImvEjwE>> Acesso em: 5 de dezembro de 2018.

\_\_\_\_\_. Por onde andam os manifestantes vestidos de verde e amarelo? Brasil de Fato, 2017. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2017/07/11/por-onde-andam-os-manifestantes-vestidos-de-verde-e-amarelo/>>. Acesso em: 30 de novembro de 2018.

TATAGIBA, L.; TEIXEIRA, A. C. C.; TRINDADE, T. A. Protestos à direita no Brasil (2007-2015). In: Sebastião Velasco e Cruz; Andre Kaysel; Gustavo Cotas. (Org.). **Direta volver! O retorno da direita e o ciclo político brasileiro**. 1ed.São Paulo: Fundação Perseu Abramo, v. 1, p. 197-213, 2015.

TELES, E. A produção do inimigo e a insistência do Brasil violento e de exceção. In Solano, E. (org.). **O Ódio como Política. A reinvenção da direita no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018. E-Book. ISBN 978-85-7559-655-5. Disponível em: <<https://www.boitempoeditorial.com.br>> Acesso em: 5 de dezembro de 2018.

TELLES, H. Corrupção, antipetismo e nova direita: elementos da crise político-institucional. **GV-executivo**, v. 14, n. 2, p.36-39, 2015.